

Consciência das elites

Quando as elites nacionais reclamam a escolha de um presidente da República com autoridade moral e coesão interna suficientes para obter a adesão da sociedade, a fim de debelar a crise interna e negociar a dívida externa, não o fazem por preconceitos contra quaisquer dos atuais candidatos lançados à consideração do PDS.

E quem tem muito o que perder. E sabem que somente sairemos do atoleiro em que nos mergulhamos vinte anos de ditadura, com um Governo capaz de merecer a confiança da Nação e de lhe inspirar vontade de ajudá-la a enfrentar a marola que ainda vem por aí e que não será fácil.

Percebem que não mais teremos condições de suportar um Governo impugnado pela maioria da população que torce, a todo instante, por seu fracasso, não por sado-masquismo, porque tem consciência de que pagará por ele e, sim, por seu ardente desejo de mudança. Para que o revez faça com que acabe logo. Quando uma Nação chega a esse estágio desesperado de fazer votos pelo insucesso de seu governo vive momento triste. Mais que triste, trágico. E o que está ocorrendo no Brasil. Os empresários brasileiros não desejam continuar trabalhando em cima de uma barril de pólvora, e estão receosos de uma ruptura social que a violência de estado nem sempre poderá conter.

Tomemos, como exemplo, a nossa dívida externa, que lembra o tormento de Sísifo da mitologia grega, aquele eterno condenado a empurrar, para o alto da montanha, rochedo que, a cada tentativa, se despencava lá de cima, ameaçando esmagá-lo. Estamos, assim, quando apertamos o cinto, nos sacrificando a fim

de pagar a dívida externa. O Governo, sem sustentação popular, é frágil, fragilíssimo diante da pressão dos banqueiros estrangeiros e das humilhações do FMI.

Nem sempre fomos tão humilhados.

O presidente Juscelino Kubitschek botou pra correr, do Palácio do Catete, os técnicos do FMI com seu programa de falências, desemprego e recessão. O presidente Raul Alfonsín, da Argentina, também bateu o pé e disse não. Não aceita liquidar o que restou da indústria argentina, matar de fome seus governados, a fim de agradar à agiotagem internacional.

O Brasil, não. Segue à risca o macabro receituário que põe 12 milhões de desempregados nas ruas, vinte milhões de menores abandonados nas cidades, comprime o mercado interno e arruina nosso parque fabril por absoluta falta de mercado interno. No entanto, duma só penada, os bancos aumentam os juros de nossa dívida externa e anulam tais esforços. Daqui pro fim do ano, virá nova majoração, anulando o tão decantado superávit da balança, arranjado sabe lá Deus como.

Enquanto os Estados Unidos tiverem, aqui, no quintal, governos dóceis, submissos, dispostos a manter aquecida sua economia e a financiar seu déficit, estarão se lixando. E o que infelizmente acontece ao Brasil, que não se arrisca à moratória, no que seria imitado pela Argentina, Venezuela e pelo México, para dinamitar o sistema financeiro mundial, perempto, por medo. Pois somente tem arrogância contra seu próprio povo.

LUSTOSA DA COSTA